

A vespa de Humaitá: a propaganda de guerra no periódico *Cabichuí**

The wasp of Humaitá: war propaganda in the *Cabichuí* newspaper

Sergio Willian de Castro Oliveira Filho

Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisador do Departamento de História da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

RESUMO

Os estudos relacionados à Fortaleza de Humaitá são de fundamental importância para a compreensão do conflito denominado de Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai. Contudo, a operação historiográfica a respeito do bastião de Humaitá pode ir além de suas muralhas, geografia, canhões e soldados. Nesse sítio, em 13 de maio de 1867, surgiu um dos principais órgãos da imprensa paraguaia de trincheira: o *Cabichuí*. O objetivo desse artigo é analisar as principais características desse periódico e de que modo a propaganda de guerra presente em suas páginas constituiu-se como relevante elemento envolto na história da fortificação de Humaitá.

PALAVRAS-CHAVE: Fortaleza de Humaitá; Cabichuí; Propaganda.

ABSTRACT

The studies associated to the Humaitá Fortress are of fundamental importance for the understanding of the conflict denominated War of the Triple Alliance against the government of Paraguay. However, the historiographical operation regarding the bastion of Humaitá can go beyond its walls, geography, cannons and soldiers. On that place, on May 13, 1867, one of the main organs of the Paraguayan trench press emerged: the *Cabichuí*. The aim of this article is to analyze the main characteristics of this newspaper and how the propaganda of war, present in its pages, was constituted as important element wrapped in the history of the fortification of Humaitá.

KEYWORDS: Fortress of Humaitá; Cabichuí; Propaganda.

INTRODUÇÃO

Inegavelmente, a Fortaleza de Humaitá foi um elemento chave nos rumos da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864¹-1870). Seja do ponto de vista paraguaio ou sob o prisma dos aliados, a pujante fortificação cravada em uma das curvas do Rio Paraguai simbolizou a ambos os lados da guerra, em momentos distintos, aspectos múltiplos: glória, terror, sofrimento, morte, derrota, vitória, orgulho, resistência, ventura.

* Artigo recebido em 02 de abril de 2018 e aprovado para publicação em 02 de maio de 2018.

Trunfo das forças paraguaias e da defesa de seu território, a destruição do bastião paraguai em Humaitá estava presente como objetivo precípua no protocolo do tratado de aliança bélica assinada pelos representantes do Império do Brasil e das Repúblicas da Argentina e do Uruguai em 1ª de maio de 1865:

Reunidos na secretaria de estado das Relações Exteriores da República Argentina os Exms. Srs. plenipotenciários de Sua Magestade o Imperador do Brazil, do governo da Republica Argentina e do governo da Republica Oriental do Uruguay, abaixo assignados, concordam no seguinte:

1ª Que em cumprimento do tratado de alliança desta data se *farão demolir as fortificações de Humaitá* e não se permitirá levantar para o futuro outras de igual natureza, que possam impedir a fiel execução das estipulações daquelle tratado.²

Tal ênfase se dava por conta do poderio bélico que se constituía Humaitá, de modo que, já nos meses iniciais do conflito, era consenso por partes das forças beligerantes que sua manutenção ou tomada constituía-se como metas a serem efetivadas, as quais influenciaram sumamente no resultado da conflagração. A confiança de um lado e o temor no outro a respeito da Fortaleza de Humaitá podem ser compreensíveis a partir da observação das características de tal local. Conforme Eduardo e Mateo Nakayama:

el más poderoso y temido sistema defensivo paraguayo debe su diseño y construcción final a la idea de los ingenieros militares George Thompson (británico) y Franz Wisner Von Morgenstern (austro-húngaro), ambos al servicio del gobierno paraguayo. La línea fortificada alcanzaba a tener un perímetro de más de 10 km artillado tanto por tierra como por rio con una cantidad de bocas de fuego que varían a lo largo del conflicto pero que su cenit alcanzaría un número de 200 piezas de distinto calibre. El "campamento de Humaitá" como también es refe-

*rido, llegó a albergar en su interior a una fuerza de entre 25.000 y 30.000 hombres y fue el Cuartel General de Operaciones del Mariscal Presidente Francisco Solano López.*³

O pequeno fortim que se apresentava em Humaitá no final de 1855 tornou-se, em cerca de dez anos, a principal defesa das forças de López e um obstáculo fundamental a qualquer oponente para se chegar à capital Assunção. Mendonça aponta alguns dos aspectos defensivos que foram implementados no local nesse período:

[A] Bateria Londres, de cujas casamatas hiantes emergiam 16 bocas de fogo de grosso calibre.

(...)

[N] A extensa curva da ribeira (2.500 metros de barranca) orlada por (...) peças paraguaias, entre as quais repontam a Acaberá, raiada pelo sistema Parrot, com projetis cilindro-ogivais de 68 libras, a General Diaz, adaptada para utilizar s obuses Withworth de 32, impressionante pelo desusado comprimento e a famigerada El Cristiano, em cuja alma repicam os bronzes de todas as igrejas do Paraguai.⁴

Assim, nos diversos discursos e análises a respeito da guerra, realizados por grande parte dos políticos e estrategistas militares brasileiros entre 1865 e 1868, tinha por fio condutor que o cálculo das ações seguia a lógica: vencida Humaitá, Assunção fatalmente não teria como resistir.

Em 15 de maio de 1866, ao discorrer aos representantes políticos do Império do Brasil a respeito da Batalha Naval do Riachuelo, inserida em seu relatório referente ao ano anterior, o então Ministro da Marinha, Francisco de Paula Silveira Lobo, fez o prognóstico: "Prenuncia-se muito em breve a destruição de Humaitá, a tomada de Assunção e o resgate de Matto Grosso. Tudo está calculado e previsto"⁵.

Seguindo tônica semelhante, o periódico *Semana Ilustrada*, publicado na Corte, trazia no ano de 1866 um texto assinado pelo pseudônimo *Vercingetorix*⁶, o qual cingia-se de Marco Pórcio Catão intitulado seu artigo de

“Delenda Paraguay”. Nele, o articulista apreçoava a necessidade da destruição de Humaitá e do Paraguai nos seguintes termos:

Conquiste-se a paz por meio da guerra – activa enérgica e fértil de victorias.

(...)

Delenda Paraguay, Delenda Humaitá deve ser a divisa actual de todos os brasileiros.

(...)

Arrase-se Humaitá; aniquile-se Assunção; esmague-se López, dê-se carta de alforria aos desgraçados que o servem pelo terror que lhes inspira (...).

Delenda Paraguay.⁷

Todavia, mais que um baluarte de relevante função estratégica aos paraguaios constituído por suas poderosas defesas, a “Sebastopol da América do Sul”, alcunha que a Fortaleza de Humaitá recebeu durante a guerra, constituiu-se como um elemento detentor de prodigioso poder simbólico que desafiava os temores dos seus inimigos e alimentava a certeza de seus defensores em estarem a guarnecer uma fortificação inexpugnável.

Ora, tal “poder simbólico” possibilitava transformar as palavras publicadas em periódicos e publicações do período a respeito da magnitude de Humaitá em realidades legitimadas, podendo tal processo ser percebido consoante o famoso conceito de Pierre Bourdieu, segundo o qual:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou transformar a visão de mundo, e deste modo, a acção sobre o mundo (...) só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (...) O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter é a crença na legitimidade daquele que as pronuncia.⁸

Coadunada ao conceito durkheimiano de “conformismo lógico”, Bourdieu assinala que tal poder simbólico trata-se de um

poder de construção da realidade que forja e é forjado pelo consenso de determinado grupo social. Todavia, a queda de Humaitá em julho de 1868, trouxe consigo uma revolta no que dizia respeito ao discurso em voga. Francisco Doratioto⁹ aponta que à retirada paraguaia de Humaitá seguiu-se uma série de escritos de diferente natureza e de diversos autores, tais como Conde D’Eu, Dionísio Cerqueira, Álvaro de Sousa D’Andrea e Richard Burton, que relativizavam o real poder bélico de Humaitá minimizando as representações até então forjadas a respeito do bastião *lopizta*.

Independente disso, meses antes, quando da chegada das notícias ao Brasil acerca da Passagem de Humaitá pela Esquadra Imperial Brasileira ocorrida em fevereiro de 1868, houve uma grande agitação, que constituiu em “um verdadeiro delírio (...) Foram três dias de festas, com bandas a percorrer as ruas, seguidas de milhares de pessoas, dando vivas ao Imperador, a Caxias, a José Ignacio e aos oficiais superiores da Esquadra”¹⁰.

Tal quadro denota a força do simbolismo de Humaitá no contexto da guerra. Contudo, para muitos combatentes paraguaios, “*la gran Fortaleza*” foi algo além de tijolos e canhões. A partir de 1866, os rumos da guerra foram bruscamente modificados com a entrada das forças aliadas em território paraguaio, tendo havido da parte das tropas de Solano López um vigoroso ímpeto de resistência. Muitos destes militares paraguaios estavam em Humaitá ou haviam, em algum momento do conflito, passado pela fortificação. Lá, além da imponente arquitetura, da geografia favorável, das poderosas peças de artilharia e dos seus combatentes, um outro elemento, surgido a 13 de maio de 1867, favoreceu a elevação do ânimo dos soldados de López. Esta nova “arma” do *Mariscal* tratava-se de um periódico totalmente a serviço do governo paraguaio chamado *Cabichuí*.

CABICHUÍ: O SOLDADO HIMENÓPTERO

Em 13 de maio de 1867, saído das prensas existentes no acampamento militar de Paso Pucú¹¹, em Humaitá, sob a administração da *Imprenta del Ejercito*, começou a circular, semanalmente, um pequeno jor-

nal constituído de quatro páginas e que se apresentava aos seus leitores-soldados também como um “soldado (...) de la familia de los himenópteros, y dispone del ponsoñoso aguijon con que defenderá su colmena de los ambiciosos”¹², juntando-se, desse modo, na batalha de palavras aos outros órgãos da imprensa paraguaia então existentes: o “*veterano Semanario y al recluta Centinela*”¹³.

Durante mais de uma década, o Paraguai teve quase que exclusivamente um único órgão de imprensa, o *Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles*, cujo primeiro número fora lançado em 21 de maio de 1853. Tal folha semanal constituía-se como uma espécie de periódico oficial a serviço do governo Paraguaio, sendo suas edições produzidas pela *Imprenta del Estado*, em Assunção¹⁴.

Havia um rígido controle por parte do Estado a fim de impedir a circulação de jornais que porventura pudessem trazer críticas às ações governamentais, daí a hegemonia do *Semanario* por mais de uma década. A legislação que propiciou a tal periódico o monopólio da imprensa foi o decreto presidencial de 1º de agosto de 1855, que legislava sobre “*uso de la prensa*”, a qual foi levada ao público pelo próprio *Semanario*. O primeiro artigo dava a entender um esboço de liberdade de imprensa e opinião, no qual qualquer cidadão paraguaio poderia, sem censura, realizar denúncias e críticas aos funcionários públicos:

Capítulo I.

*Art. 1º Todo Ciudadano de la República que tenga espedito el uso de sus derechos civiles, es decir, que sea persona autorizada para contratar válidamente según las leyes, tiene derecho para publicar por la prensa, sus ideas, y opiniones: puede denunciar, y censurar por el mismo medio las omisiones en que incurran, ó las faltas y abusos que cometan los funcionarios públicos, en el desempeño de sus funciones, sin previa censura.*¹⁵

Contudo, os outros dispositivos legais presentes no mesmo decreto, tornavam o alcance do primeiro artigo deveras diminuto, na medida em que impunha uma série de

restrições à suposta liberdade “*para publicar por la prensa, sus ideas, y opiniones*”:

2º Queda prohibida toda publicación clandestina y anónima, bajo las penas que establece el presente decreto.

3º Toda publicación pedida, á uno de los periódicos de la Capital, llevará la firma de su autor.

(...)

Capítulo II.

De los delitos que se cometen abusando de la Prensa

(...)

Art. 2º Comete delito contra el Gefe Supremo de la Republica el que por un escrito, estampa, ó figura, deprime de algún modo, ó bajo cualquiera forma, la persona, dignidad y prerrogativas del Gefe Supremo.

(...)

*Art. 4º Comete delito contra el orden público, el que publica opiniones, máximas, ó doctrinas, que pueden perturbar la tranquilidad del Estado; el que concita los obreros, jornaleros y pobres contra la clase mas acomodada y rica; el que provoca la desobediencia á las leyes, y á las autoridades.*¹⁶

A suposta liberdade de imprensa contida no artigo 1º era tolhida pelo restante do decreto, que estabelecia uma série de delitos de abuso de uso da imprensa, os quais poderiam ser interpretados de modo bastante subjetivo, isto é, a publicação de uma crítica a determinado ato presidencial corria o risco de enquadrar-se em delito contra “*el Gefe Supremo*”. Tais delitos eram punidos com multa de 50 a 500 pesos e prisão de um a seis meses, dependendo da gravidade do “*abuso de la prensa*”.

Inegavelmente, tal dispositivo legal muito contribuiu para o não florescimento de outros periódicos no Paraguai. Nos anos que antecederam a Guerra da Tríplice Aliança, não houve por parte do governo paraguaio interesse algum no incentivo ao surgimento de outro órgão de imprensa. Com a morte de Carlos López, em setembro de 1862, após quase 20 anos no cargo de presidente da República, seu sucessor e filho

Francisco Solano López deu continuidade à publicação do *Semanario* enquanto órgão da imprensa oficial.

Contudo, pouco mais de dois anos após as primeiras ações bélicas, uma nova sistemática com relação à expansão da imprensa no Paraguai é adotada com o incentivo para a criação de novos periódicos. Não tratou-se, porém, de uma abertura à qualquer tipo de órgão de imprensa, mas sim, um programa de expansão de folhas ligadas aos interesses de Solano López, especialmente no que dizia respeito à guerra, cujos resultados nos campos de batalha começavam a mostrar-se desfavoráveis às forças paraguaias. A ideia principal era ampliar o tipo de linguagem para que se pudesse alcançar leitores diversos, havendo um foco especial nos soldados das graduações mais inferiores, isto é, a grande maioria dos combatentes.

Assim, a partir de 1867, o Presidente Francisco Solano López incentivou o surgimento de outros periódicos a fim de também servirem como porta-vozes do governo com relação à elevação da moral da população e das tropas. Desta leva, surgiram os jornais: *El Centinela*, que circulou de 25 de abril de 1867 a 10 de fevereiro de 1868; *Cabichuí*, de 13 de maio de 1867 a 20 de agosto de 1868; *Cacique Lambaré*, de 24 de julho de 1867 a 9 de setembro de 1868 e; *La Estrella*¹⁷, de 24 de fevereiro de 1869 a 14 de julho de 1869. Algumas dessas publicações traziam matérias no idioma guarani, vastamente utilizado no Paraguai à época, enquanto que o *Cacique Lambaré* era quase que totalmente publicado neste idioma¹⁸.

A respeito do surgimento destes diversos periódicos, Juan Crisóstomo Centurión, oficial do Exército paraguaio que tomou parte da guerra e que teve participação efetiva como redator e colaborador de várias destas publicações, assim os apresentam em suas memórias:

El Mariscal López empleaba todos los medios á su alcance para fortalecer el espíritu y mejorar en lo posible la moral del ejército. A este fin, á más del Semanario, que no solo registraba en sus columnas los sucesos de la guerra, sino que hacía una propaganda tenaz contra

*los aliados en el sentido de desacreditar su causa ante la opinión, mandó fundar un periodiquín llamado El Centinela, (...) y otro llamado el Lambaré, que se redactaba en guaraní (...) Estos dos periódicos veían la luz en la capital, y se distribuían profusamente en la campaña y en el ejército. En Paso Pucú se estableció una imprenta, y por indicación del Mariscal se fundó un periódico satírico de caricaturas. El que escribe estas memorias fue encargado de la dirección e redacción del mismo (...) fue aceptada a la idea mía de que fuese llamado Cabichuí.*¹⁹

Ao abordar a campanha de propaganda levada a cabo pelo Paraguai durante a guerra, a historiadora argentina Maria Lucrecia Johansson nos indica que:

*Desde el comienzo de las hostilidades, la prensa de los países beligerantes se dedicó a tratar ampliamente el conflicto. En el caso del Paraguay, inmerso en un contexto de guerra total, el gobierno inició una campaña de propaganda que consistió en la diseminación de ideas tendientes a inducir determinados comportamientos. (...) como bien sostiene Jean-Marie Domenach, a partir del siglo XVIII la propaganda se convirtió en un auxiliar de las estrategias de guerra, que comenzaron a conducirse tanto por las armas como por la ideología.*²⁰

Desse modo, tais jornais serviam aos intentos do governo de Solano López de insuflar nos paraguaios um vigoroso espírito de resistência, sempre enfatizando uma suposta superioridade do povo paraguaio ante seus inimigos, além de fazerem um reiterado culto à personalidade do presidente paraguaio.

Havia da parte dos responsáveis pela organização dos novos periódicos o desejo em alcançar um público em especial, aquele que estava na linha de frente da guerra, isto é, os soldados. Assim, a imprensa de trincheira paraguaia extrapolou os limites da *Imprenta del Estado*, sediada na capital Assunção e fez surgir em um acampamento militar localizado em Humaitá o *Cabichuí*.

Novamente trazemos as memórias de Centurión a respeito do surgimento de tal jornal:

En Paso Pucú se estableció una imprenta, y por indicación del Mariscal se fundó un periódico satírico de caricaturas. El que escribe estas memorias fue encargado de la dirección e redacción del mismo contando con la colaboración varias personas de reconocida competencia. Durante dos ó tres días fue vivamente discutido el título que debía llevar el dicho periodiquín,

así como el dibujo que debía servirle de frontispicio ó portada. Por fin, fue aceptada la idea mía de que fuese llamado Cabichuí, nombre de una avispa negra muy brava, que construye su colmena en los árboles y en los aleros de las casas; igualmente fue aprobado el dibujo de la portada, consistente en un negro acosado por una multitud de esas avispas.²¹

A descrição do frontispício do periódico idealizado no acampamento militar de Paso

Pucú era: uma multidão de vespas nativas do Paraguai acoassando um homem negro e peludo. Em todos os seus 95 números, tal imagem ilustraria a primeira página do jornal considerado o mais relevante dos periódicos surgidos no Paraguai durante a guerra. Tratava-se de uma clara alegoria, onde as pequenas vespas seriam uma representação dos paraguaios e o homem negro a materialização do inimigo, em especial, o maior dos inimigos, isto é, o Império do Brasil, cujos combatentes na guerra em andamento geralmente eram descritos e alcunhados como negros e/ou macacos.

O *Cabichuí* surge com missão similar ao seu irmão pouco mais velho, *El Centinela*, de levar as informações da guerra aos seus compatriotas, especialmente àqueles que se encontravam no teatro de operações, de modo cômico e



Figura 1 – Reprodução da capa do primeiro número do *Cabichuí* (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai)

sempre exaltando os grandes feitos paraguaios no campo de batalha. Também com amparo estatal, o novo periódico era produzido nas prensas governamentais, especificamente, na *Imprenta del Ejército*. Por tal razão, grande parte de seus colaboradores (articulistas, editores, desenhistas, gravadores) eram militares, tais como o já citado Crisóstomo Centurión, o Tenente Natalicio Talavera²² e o correntino Victor Silvero; não obstante, civis também escreviam para o *Cabichuí*, como o padre Fidel Maíz.

Juan O'Leary, grande apologista de Solano López durante mais da metade do século XX, aponta com entusiasmo a existência da folha de Paso Pucú durante a guerra:

teníamos um periódico satírico "El Cabichui", que era el órgano oficial de la alegría de nuestro ejército.
(...)

*Aquella pequeña avispa (Cabichui) volaba através del ejército, desatando la hilaridad de nuestras tropas, y cruzando nuestras trincheras, iba a clavar su envenado agujón en el corazón del enemigo.*²³

Semelhante ao *El Centinela*, a "pequeña avispa", conforme apontamos anteriormente, apresentou-se ao público em seu primeiro número como um soldado, e assim saudava "al veterano 'Semanao' y al recluta Centinela":

*El Cabichui es, pues un soldado, y al presentarse en el palenque del periodismo no viene á buscar la corona que Minerva ofrece á sus aventajados adalides; humilde en sus pretensiones literarias, solo viene empujado por su amor de patria á tomar una plaza para combatir a favor de la idea que ha levantado á toda la República, y á correr tras los laureles que alcanza la decisión en la guerra de los libres contra los esclavos.*²⁴

Poucos dias depois, *El Centinela* retribuía os cumprimentos de seu novo companheiro sem esquecer também do veterano *Semanao*, afirmando que tais jornais compunham a nova tríplice aliança:

¡Bendito seais, grato y sincero compañero! – El Centinela saluda vuestra aparición y se llena de contento, por que tiene un colaborador más en la lucha á muerte que el Brasil y sus aliados han empeñado contra el Paraguay.

(...)

El Semanao, el Centinela y el bien venido Cabichui entran en la lucha.

(...)

*El grave y veterano Semanao está con los cañones de alto calibre, El Centinela maneja la artillería volante y el Cabichui recorre los campamentos y sin cesar hostiliza el enemigo con sus rifles e punzantes agujones.*²⁵

Muitos são os pontos de aproximação do *Cabichuí* e do *El Centinela*, dentre os quais poderíamos citar: o ano de surgimento, o público leitor a que foram destinados, a linguagem coloquial, a presença de imagens, o tom satírico e depreciativo a respeito do inimigo, o fervor nacionalista, a exaltação da figura de Solano López e do soldado paraguaio. Mas, além de tais fatores, outro merece destaque, a saber, a forte presença de uma linguagem de teor oral neste tipo de publicação escrita. No *Cabichuí*, tal elemento tem muito mais preponderância e se mostra como algo proposital, na medida em que era produzido com intenções de ter seu conteúdo lido de maneira coletiva, em voz alta, com leitores e ouvintes.

Em artigo intitulado "Palavra além das letras", Marco Morel²⁶ aponta os intercâmbios existentes entre a imprensa e a oralidade nos periódicos do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XIX; de modo similar à perspectiva de Morel, guardado o devido distanciamento cronológico e espacial, pode-se perceber também nos jornais paraguaios do período da guerra contra a Tríplice Aliança que havia uma forte imbricação entre a imprensa e as formas de expressão oral. Isso não é tão notável no *Semanao*, mas nos jornais surgidos a partir de 1867 é algo inextrincável. Dentre as variadas gravuras publicadas pelo *Cabichuí*, a que reproduzimos abaixo é deveras significativa a esse respeito, apresentando-

-se com a legenda “*la lectura del Cabichui*”, pode se perceber um grupo de soldados em um momento de descanso, no qual um deles lê o jornal aos demais que demonstram em suas feições interesse, prazer e descontração:



Figura 2 – “*La lectura del Cabichui*”²⁷.
(FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai)

Ora, além de ser produzido com uma linguagem que se aproximava deveras da oralidade cotidiana e incentivador da leitura em grupo e em voz alta, o *Cabichuí* visava alcançar o riso de seus leitores/ouvintes através do sarcasmo e depreciação do inimigo. O riso, que poderia parecer um elemento de reduzida importância no grande espectro da guerra, toma outras feições se analisado sob o prisma da história cultural, especialmente quando se constitui em um riso coletivo, similar à ilustração anterior, pois o mesmo pode constituir um sentido de comunidade por parte daqueles que riem junto. Analisando o humor na Alemanha oitocentista, a historiadora Mary Townsend afirma que:

O simples ato de compartilhar o riso era mais importante do que

o conteúdo específico ou impacto imediato de qualquer piada ou caricatura. Rir junto significava participar de uma cultura comum, uma forma de comunicação sobre assuntos de interesse mútuo. (...)

O humor popular estabelecia um sentido de comunidade entre os participantes.²⁸

Apesar de a abordagem de Townsend remeter a outro contexto histórico-cultural e geográfico, podemos tomá-la como extremamente útil para nossa compreensão do aspecto humorístico presente nos periódicos de trincheira paraguaios, os quais intentavam construir um espírito homogêneo de resistência à Tríplice Aliança.

A ridicularização satírica do inimigo era basilar na *Vespa* de López. As tropas brasileiras eram sempre apresentadas de modo pejorativo e racista e, do mesmo modo que

se enfatizava a figura de López de modo exaltador, também se personalizavam representações quanto aos líderes políticos e militares da Tríplice Aliança, mas de modo extremamente depreciativo, em especial os comandantes brasileiros.

Referências ao Marquês de Caxias são constantes no periódico, tanto que, nos textos de tal jornal, são atribuídos a Luís Alves de Lima e Silva epítetos pejorativos similares àqueles dados às tropas brasileiras. Com frequência, a folha de Humaitá, fazendo um jogo de palavras entre os idiomas português e o espanhol e chamava o líder militar brasileiro de: “General Marques de Caxias, Cajon e Cachimbo”. Além disso, as diversas representações imagéticas de Caxias produzidas em Paso Pucú sempre o apresentam como um homem negro caricato.



Figura 3 – “*El Marquez de Caxias vá a bombardear el Campamento paraguayo*”²⁹
(FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai)

Tais representações iconográficas publicadas no *Cabichuí*, relativas aos brasileiros, não ficaram restritas ao conhecimento dos paraguaios durante a guerra, pois, com o avanço das forças aliadas em território paraguaio, tal periódico tornou-se conhecido daqueles que eram alvos do seu escárnio. Um dos brasileiros que relata ciência da *Vespa* foi o engenheiro militar e oficial do Exército Brasileiro Rufino Eneas Gustavo Galvão (Visconde de Maracaju), o qual, durante a guerra, foi nomeado chefe da Comissão de Engenheiros e, após o término do conflito³⁰, publicou um livro

contendo trechos de seu diário particular a respeito da marcha do Exército Brasileiro durante os anos de 1867 e 1868.

Nesse sentido, transcrevemos o trecho do seu diário referente ao dia 26 de julho de 1867:

26 de julho – Não se marchou para passar-se revista de armamento nos corpos e batalhões.

Encontrou-se um boletim de López, declarando esperar-nos no dia 28, e um numero do pequeno jornal caricato, denominado *Cabichuy*, cujo emblema é um macaco atacado por maribondos.³¹

Além dos brasileiros presentes no teatro de operações, informações acerca do *Cabichuí*, ainda durante o conflito, chegaram até o Rio de Janeiro, tendo sido publicados na *Semana Ilustrada*, em janeiro de 1868, comentários, não menos racistas que os tão recorrentes na imprensa paraguaia, a respeito da representação do Marquês de Caxias:

Apanhou-se, na 2ª grande Divisão, uma garrafa contendo alguns números do *Cabichuy* que forão entregues ao Almirante.

Pude filar dous desses números (...) Em ambos continuamos a ser negros e de negro feio, qual Toussaint Louverture, está desenhado em um delles o nobre Marquez de Caxias.³²

O Almirante a quem o articulista, que assina sob o pseudônimo de Leva Arriba, se refere trata-se de Joaquim José Ignácio, o Visconde de Inhaúma. Curiosamente, consoante Arias Neto³³, Leva Arriba seria um pseudônimo utilizado pelo próprio Inhaúma em matérias publicadas na *Semana Ilustrada*.

O chefe naval também não escaparia da sanha satírica do *Cabichuí*, que apresentava o comandante em chefe da Força Naval brasileira como um covarde que se desentendia constantemente com Caxias, também adjeti-

vado de covarde. Além disso, constantemente recebia as alcunhas de “Botafogo”, “Ignifero” ou “Igniferonte”, as últimas consistindo em uma junção de seu nome Ignácio com a palavra fera.

Em 15 de agosto de 1867, a Força Naval brasileira, sob o comando de Inhaúma, ultrapassou Curupaiti estacionando antes de Humaitá. Aproveitando tal contexto, quatro dias depois, o *Cabichuí*, levaria aos seus leitores uma grande gravura disposta em duas de suas páginas trazendo uma representação de Inhaúma a bordo de um navio, onde

sofre um ataque de uma grande vespa que feroa sua testa. Ao mesmo tempo, se encontra encurrulado tendo à margem esquerda um leão denominado “*Curupayty*” e do lado esquerdo outro leão chamado “*Humaitá*”. Complementando a imagem, uma pequena poesia em forma de desafio é apresentada:

CONSEJOS AL ALMIRANTE
IGNÁCIO, Ó IGNIFERO
Letrilla
Ya que arrojaste el guante
Contra Curupayty,
Que pases adelante
Quiere el “Cabichui”
Las garras de un león
Hicieron la mitad;
Para la conclusión
Hay otro en Humaitá.
Sigue, pues, Almirante,
Lleva tu honor avante;
Hoy tienes la ocasión
De salir del embrión
Si acaso te es fatal
Esta obra colosal
A la inmortalidad
Tu nombre llegará.
Arrostra los torpedos,
Arrostra los cañones
Y no te importe un bledo
Que chillen los mirones
Si mueres en la lucha
Volando, ó Botafogo,
O bajas como trucha.
*Gritando ¡Ay que me ahogo!*³⁴



Figura 4 – “*El Almirante Igniferonte*”³⁵
(FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai)

Na segunda metade do ano de 1867, momento em que as Forças Navais brasileiras aproximam-se de Humaitá, o *Cabichuí* enfatizará em seus números o desprezo e ridicularização da “*Escuadra Macacuna*”, de seu comandante e dos marinheiros “*rabilargos*”. Em alguns números, Inhaúma tem sua representação pictórica feita com traços caricatos, por vezes animais, com o corpo de suíno, que enfatizavam seu sobrepeso, apontando o Almirante Joaquim José Ignacio como um homem covarde que comandava uma Esquadra lenta e ineficiente (em outra ocasião Inhaúma e Caxias são representados montados respectivamente em um jacaré e em uma tartaruga).

Poucos dias depois, em 19 de fevereiro, a Esquadra brasileira forçaria a Passagem de Humaitá. O episódio foi minimizado pelo *Cabichuí* publicado no dia 24 do mesmo mês, que afirmava estarem as defesas paraguaias intactas, além de trazer mais uma representação caricata de Inhaúma, agora um como um antropozoomorfo hipopótamo com o nome de “*El Ignipopótamo*”.

Entretanto, apesar do discurso confiante e provocador, a posição paraguaia de Humaitá estava com os dias contados e o presidente sabia disso. No dia 3 de março Solano López deixa o local e se instala em San Fernando³⁶, cerca de dez quilômetros ao norte, tendo sido seguido nos dias seguin-

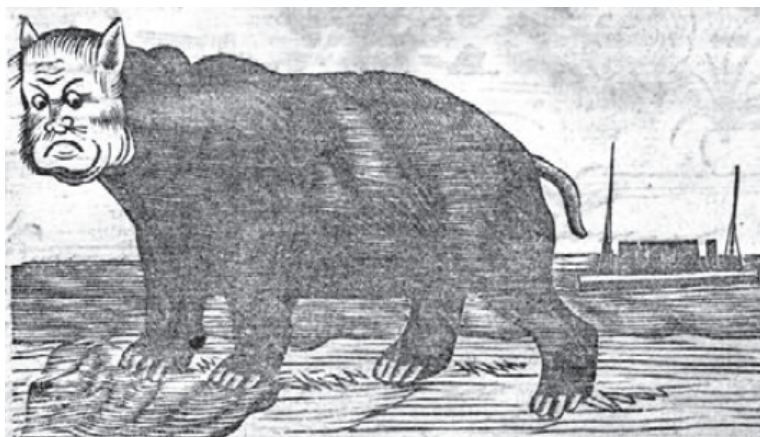


Figura 5 – “*El Ignipopótamo*”³⁷
(FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai)

tes por grande parte dos militares que guarneciam a fortaleza. Juntamente com eles, foram transportadas as prensas do Exército e, após quase três meses sem ser publicado, o *Cabichuí* ressurgiu no acampamento de San Fernando em 13 de maio (dia do seu aniversário de criação).

Em San Fernando seriam produzidos e distribuídos os últimos 11 números da *Vespa*. Entre o dia 24 de julho e 20 de agosto, ocorreria mais um intervalo entre as edições, muito provavelmente em decorrência da tomada da Fortaleza de Humaitá pelas forças aliadas, ocorrida em 25 de julho de 1868.

A 95ª (e última) edição do *Cabichuí* foi publicada em 20 de agosto. Como dito, um mês antes a principal fortaleza paraguaia, Humaitá, havia caído e encontrava-se nas mãos dos aliados. A morte da *Vespa* coincidiu com uma espécie de começo do fim da guerra, pois, poucos meses depois, Assunção seria toma-

da e se iniciaria a famigerada Campanha das Cordilheiras com a finalidade de por fim ao conflito através da captura ou morte de Solano López.

CONCLUSÃO

A existência do *Cabichuí* e sua circulação entre os soldados paraguaios, possibilitada pelas prensas do Exército no acampamento de Paso Pucú, em Humaitá, nos fornecem

valiosos elementos para apontarmos no sentido de uma análise da guerra que vai além do sangue a escorrer nos campos de batalha. Diante do terror da mais destrutiva guerra da América do Sul, alguns homens insuflaram e foram insuflados com ânimo por seus compatriotas. Sob o aparato estatal, o apelo ao riso, ao escárnio do inimigo e à distração em meio à hecatombe fez parte de uma tentativa por parte dos articulistas do *Cabichuí* em manter viva a esperança na vitória.

Sem dúvida, um dos aspectos a ser somado na análise da Guerra da Tríplice Aliança é o relevante papel que teve a imprensa, tanto no Paraguai quanto nos países aliados (Brasil, Argentina e Uruguai), na construção de representações e “realidades”. Em alguns casos, perceber-se-á que o sangue, o suor e as lágrimas derramados pelos contendores atrelaram-se intrinsecamente à tinta derramada nas folhas dos jornais.

BIBLIOGRAFIA

Periódicos:

Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira (<http://memoria.bn.br>): *El Centinela*, Asunción, 1867. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1866-1868. *Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*, Asunción, 1865-1866.

Biblioteca Nacional do Paraguai – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai (<http://bibliotecanacional.gov.py>): *Cabichuí*, Paso Pucú / San Fernando, 1867-1868.

Livros, artigos e documentos impressos:

ARIAS NETO, José Miguel. A Marinha do Brasil nos escritos oitocentistas sobre a Guerra do Paraguai. In. *Anais do II Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO*, 2015.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Vol. I. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. MINISTÉRIO DA MARINHA. *Relatório do ano de 1865 apresentado à Assembleia Geral Legislativa pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, Francisco de Paula Silveira Lobo*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1866.

CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del coronel Juan Crisóstomo Centurión ó sean, Reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Tomo Segundo. Buenos Aires: Imprenta de Obras, 1894.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JOHANSSON, María Lucrecia. El guarani como arma de lucha: lengua e identidad nacional em la prensa de guerra paraguaya (1867-1868). In. RODRIGUES, Fernando da Silva & PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes (Orgs.). *Uma tragédia americana: a Guerra do Paraguai sob novos olhares*. Curitiba: Editora Prismas, 2015. pp. 501-531.

MARACAJÚ, Marechal Visconde de. *Campanha do Paraguay (1867 e 1868)*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar/Estado-Maior do Exército, 1922.

MENDONÇA, Lauro Nogueira Furtado de. Humaitá. In. BRASIL. DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA. *A Guerra da Tríplice Aliança: reflexões e abordagens*. Vol. II. pp. 44-52. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2015.

MOREL, Marco. Palavras além das letras: Apontamentos sobre a imprensa e oralidade na primeira metade do século XIX. In. *Acervo*, Rio de Janeiro, V. 25, nº1, pp. 63-80. Jan/Jun 2010.

NAKAYAMA, Eduardo; NAKAYAMA, Mateo. El perímetro fortificado de Humaitá: reconstrucción virtual. In. *Anais do 5º Encuentro Internacional de Historia sobre las Operaciones Bélicas durante la Guerra de la Triple Alianza*. Montevideo, 2013.

O'LEARY, Juan E. *El libro de los héroes: páginas históricas de la Guerra del Paraguay*. Asunción: Librería La Mundial: 1922.

SCHNEIDER, Louis. *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo da República do Paraguay (1864-1870)*. Vol. I. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1875.

TOWNSEND, Mary Lee. O humor e a esfera pública na Alemanha do século XIX. In. BREMER, Jan & ROODENBURG, Herman (Orgs.). *Uma história cultural do humor*. Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.



NOTAS

¹ Postamos aqui o ano de 1864, pois o início das hostilidades se deu ao final de 1864 com o apresamento do navio brasileiro *Marquês de Olinda*, em Assunção e, posteriormente, com a invasão paraguaia ao Mato Grosso. Não obstante, sabemos que a terminologia “Guerra da Tríplice Aliança” ganha sentido somente a partir de seu marco criador, isto é, com a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, que ocorreu em 1º de maio de 1865.

² SCHNEIDER, Louis. *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo da República do Paraguai (1864-1870)*. Vol. I. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1875. Apêndices. p. 107. Grifo nosso.

³ NAKAYAMA, Eduardo; NAKAYAMA, Mateo. El perímetro fortificado de Humaitá: reconstrucción virtual. In: *Anais do 5º Encuentro Internacional de Historia sobre las Operaciones Bélicas durante la Guerra de la Triple Alianza*. Montevideo, 2013. p. 2.

⁴ MENDONÇA, Lauro Nogueira Furtado de. Humaitá. In: BRASIL. DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA. *A Guerra da Tríplice Aliança: reflexões e abordagens*. Vol. II. pp. 44-52. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2015. pp. 45-46.

⁵ BRASIL. MINISTÉRIO DA MARINHA. *Relatório do ano de 1865 apresentado à Assembleia Geral Legislativa pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, Francisco de Paula Silveira Lobo*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1866. p. 13.

⁶ Sacramento Blake aponta que Vercingetórix era um dos pseudônimos utilizados por Antônio José Victorino de Barros, irmão do Vice-Almirante Joaquim José Ignácio (o Visconde de Inhaúma). Cf. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Vol. I. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. p. 234.

⁷ *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1866. p. 2.387.

⁸ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. pp. 14-15.

⁹ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. pp. 329-330.

¹⁰ *Ibidem*. p. 324.

¹¹ Situado ao sul da Fortaleza de Humaitá, o acampamento de Paso Pucú foi de 20 de maio de 1866 a 23 de março de 1868 o quartel general do exército paraguaio onde Solano López havia instalado seu posto de comando. Apesar de o termo acampamento denotar certa simplicidade, no local havia várias construções, tais como, as dependências para a tropa, o prédio do comando, a casa de López, um hospital de sangue, uma capela e um cemitério.

¹² *Cabichuí*, Paso Pucú, 13 de mayo de 1867.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ A despeito da hegemonia do *Semanario*, outros periódicos circularam no Paraguai na década de 1850, mas com vida bastante curta. Foram eles: *o Eco del Paraguay*, publicado em Assunção e que durou apenas dois anos (1855-1857); *El Grito Paraguayo* (1858-1859); e *El Paraguayo Independiente*, também publicado na capital paraguaia, porém com uma trajetória mais longa (1845-1852). *El Paraguayo Independiente* foi uma espécie de predecessor do *Semanario* e possuía pontos em comum com este, pois também era publicado pela Imprensa del Estado e seu principal redator era o Presidente da república Carlos López.

¹⁵ *Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*, Asunción, 4 de agosto de 1855.

¹⁶ Além dos delitos contra o chefe supremo do Estado e contra a ordem pública apresentadas na citação, o decreto também postava os possíveis delitos contra: a segurança da República (art. 3º); a sociedade e a moral pública (art. 5º); a religião (art. 6º); as autoridades públicas e juizes (art. 7º); os soberanos ou chefes supremos das nações estrangeiras (art. 8º); os particulares (art. 9º).

¹⁷ Surgido na fase final da guerra, também era publicado pela Imprensa Nacional, mas agora na cidade de Piribebuí transformada em capital do Paraguai por Solano López, já que Assunção havia sido tomada pelas forças da Tríplice Aliança em janeiro daquele ano.

¹⁸ O *Cacique Lambaré*, que tempos depois adotou reduziu seu nome para *Lambaré*, fazia alusão a um chefe indígena que lutara contra os invasores espanhóis. O uso do guarani predominou em tal periódico, onde ocasionalmente apareciam palavras em espanhol. Conforme a historiadora Maria Johansson, o uso do guarani pelo *Cacique Lambaré* era direcionado aos soldados e tinha diversas motivações além do fato de ser um idioma deveras utilizado no Paraguai, tais como: “*la lengua fue el nexo que permitió establecer una conexión entre las hazañas guerreras de antaño y el contexto de guerra, construyendo una filiación genealógica con “la raza guarani, esa raza de primitivos guerreros” (...) En el nuevo contexto que emergía con la guerra se sintió la necesidad de buscar anclaje en el pasado*”. In: JOHANSSON, María Lucrecia. *El guarani como arma de lucha: lengua e identidad nacional em la prensa de guerra paraguaya (1867-1868)*. In: RODRIGUES, Fernando da Silva; PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes (Orgs.). *Uma tragédia americana: a Guerra do Paraguai sob novos olhares*. Curitiba: Editora Prismas, 2015. pp. 522-523.

¹⁹ CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del coronel Juan Crisóstomo Centurión ó sean, Reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Tomo Segundo. Buenos Aires: Imprenta de Obras, 1894. p. 320-321. Grifos do original.

²⁰ JOHANSSON, María Lucrecia. Op. cit. p. 503.

²¹ CENTURION, Juan Crisóstomo. Op. cit. p. 321.

²² Tavalera é conhecido no Paraguai por seu trabalho como poeta e veio a falecer no dia 11 de outubro de 1867, no acampamento de Paso Pucú, em decorrência do cólera. No ano de 1971, o governo do Paraguai transformou o dia 11 de outubro em Dia do Poeta Paraguai.

²³ O’LEARY, Juan E. *El libro de los héroes: páginas históricas de la Guerra del Paraguay*. Asunción: Librería La Mundial: 1922. p. 324.

²⁴ *Cabichuí*, Paso Pucú, 13 de mayo de 1867.

²⁵ *El Centinela*, Asunción, 23 de mayo de 1867.

²⁶ MOREL, Marco. Palavras além das letras: Apontamentos sobre a imprensa e oralidade na primeira metade do século XIX. In. *Acervo*, Rio de Janeiro, V. 25, nº1, pp. 63-80. Jan/Jun 2010.

²⁷ *Cabichuí*, Paso Pucú, 8 de agosto de 1867.

²⁸ TOWNSEND, Mary Lee. O humor e a esfera pública na Alemanha do século XIX. In. BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (Orgs.). *Uma história cultural do humor*. Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 228.

²⁹ *Cabichuí*, Paso Pucú, 13 de mayo de 1867.

³⁰ A primeira edição das memórias do Visconde de Maracajú data de 1893.

³¹ MARACAJÚ, Marechal Visconde de. *Campanha do Paraguay (1867 e 1868)*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar/Estado-Maior do Exército, 1922. p. 17.

³² *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1868. P. 2966.

³³ ARIAS NETO, José Miguel. A Marinha do Brasil nos escritos oitocentistas sobre a Guerra do Paraguai. In. *Anais do II Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO*, 2015. p. 5.

³⁴ *Cabichuí*, Paso Pucú, 19 de agosto de 1867.

³⁵ *Cabichuí*, Paso Pucú, 3 de febrero de 1868.

³⁶ San Fernando tornou-se o acampamento em que Solano López se instalaria até o final daquele ano. Foi justamente em tal local onde ocorreu o massacre de San Fernando, em 21 de dezembro de 1868, quando, sob as ordens do presidente paraguaio, ocorreu a execução, sob acusação de traição, de centenas de homens e mulheres, dentre os quais, familiares de López, oficiais de alto posto, religiosos, políticos e diplomatas estrangeiros. Acerca de tal episódio, Doratioto afirma que: "Solano López retirou-se de San Fernando, e as tropas brasileiras, ao chegarem ao local, encontraram uma cena impressionante. Os corpos das vítimas executadas tinham sido jogados em valas, sem serem cobertos com terra, e eram sobrevoados por urubus que disputavam pedaços dos cadáveres. Em cada vala havia um letreiro, colocado em uma vara (...), com os dizeres "traidores da Pátria" In. DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit. p. 349.

³⁷ *Cabichuí*, Paso Pucú, 24 de febrero de 1868.